

TÍTULO
A Casa das Bruxas

TEXTO
© Ana Ferreira da Silva

COORDENAÇÃO
Alfarroba

DESIGN E PAGINAÇÃO
Alfarroba

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Europress - Indústria Gráfica

ISBN
978-989-9197-20-6

DEPÓSITO LEGAL
532 026/24

uma edição da Alfarroba
© junho 2024, Alfarroba
telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a prévia autorização da editora.

A CASA DAS BRUXAS

ANA FERREIRA DA SILVA



*“Foi há muitos, muitos anos,
Num reino ao pé do mar,
Que viveu uma donzela
que podereis recordar
De seu nome Annabel Lee.”
– Edgar Alan Poe –*

Havia, à saída da minha aldeia, meio encoberta pelo pinhal cerrado que bordejava a estrada ao longo da linha de caminho-de-ferro, uma velha casa acinzentada de três andares e mansarda, por cujas paredes escalava, pujante, uma hera quase tão antiga como a moradia, de troncos grossos e retorcidos como os de uma pequena oliveira, ostentando grandes folhas de um verde-escuro intenso cuja tonalidade não era alterada, quer pela estiagem sufocante, quer pela geada que nos fazia tiritar.

Nunca lhe conheci outra cor que não aquele tom de cinzento-amarelado, o que, considerando a época e o esmero da construção, resultava deveras invulgar, tal como o tijolo vivo do rebordo superior arqueado das janelas altas e esguias, que do mesmo modo adornava o contorno das janelas redondas da mansarda.

De duas das seis empenas erguiam-se estreitas chaminés das quais nunca vi sair fumo.

Prisioneiro por detrás de um robusto muro cinzento de cerca de metro e meio de altura, um jardim selvagem — que mais não era do que o prolongamento do próprio pinhal, deixado a si próprio para se engalanar de floridos arbustos de giestas, madressilvas,

urzes e demais flora local — deixava adivinhar um estreito caminho empedrado que conduzia do portão de grades verdes à pesada porta principal da casa, de madeira escura, onde sobressaíam ferragens de ressonâncias medievais, incluindo uma pesada argola negra a fazer vezes de campainha. A meia distância entre o portão verde e a casa, um pinheiro secular estendia os ramos compridos acima das águas-furtadas, inclinando-se como numa vénia caprichosa, ocultando e lançando sombras enviesadas sobre a fachada voltada a norte; e tão carregado de pinhas era, que a mais tímida aragem estival lhe suscitava prolongados lamentos e mil estalidos secos ao entrechocar dos ramos; e de um dos cantos do velho muro, emergia, numa bastante eloquente atitude dissuasora de intrusos, um enorme cacto de grossos braços eriçados de afiados espinhos.

Chamavam-lhe Casa das Bruxas; e muitas eram as suposições e crendices que então a seu respeito circulavam pela aldeia.

Dizia-se que ali vivia um bruxo poderoso que organizava sessões de espiritismo em determinadas noites de sábado de lua nova, para as quais convidava toda a casta de feiticeiros e feiticeiras de aldeias distantes, e que pela meia-noite era frequente ouvirem-se longos e sentidos uivos, como de uma imensa matilha de lobos sofrendo as agruras de invernal fome na montanha coberta de espessa e fofa neve.

Dizia-se também que ali se reuniam — também ao sábado — seitas secretas adeptas de sacrifícios humanos em honra de antigas divindades pagãs cujos intrincados nomes nunca eu ouvira ou lera; mas ao contrário do bruxo, estas gentes tinham uma predilecção especial pela lua cheia, tão resplandecente no céu da aldeia que ofuscava as estrelas mais brilhantes.

As pessoas de meia-idade garantiam que a Casa das Bruxas mais não devia ser do que o refúgio de dissidentes políticos e perigosos bombistas, e os pais recebiam, por seu turno, que aquele fosse um antro de criminosos, entre si sugerindo que uma rusga policial ao misterioso edifício não haveria de ser de todo despropositada.

As teorias, os boatos, as opiniões e as “certezas absolutas” foram-se aprimorando rapidamente com o tempo, incutindo os mais variados receios e terrores à miudagem de que eu então fazia parte.

Viviam-se os gloriosos anos sessenta. Ventos de mudança varriam o mundo de lés-a-lés. Falava-se de guerra fria, de espões e de conflitos, latentes ou reais, um pouco por todo o planeta; os Russos e os Americanos, materialistas inveterados, lançavam foguetões cada vez mais sofisticados numa corrida ao nosso satélite, numa tentativa de derrubar o misticismo romântico da pobre Lua, reduzindo-a a um enorme calhau estéril; Elvis era um ídolo de arrancar cabelos e fazer desmaiar, o quarteto de Liverpool mantinha uma certa compostura britânica no vestir mas recusava-se a cortar o cabelo “à-homem”; no espírito dos jovens dez anos mais velhos do que nós germinava a semente do movimento hippie; entretanto, na nossa aldeia onde nada de novo parecia acontecer desde a imensa contribuição para o progresso que constituía a construção do cabo submarino, a banda dos bombeiros voluntários continuava a percorrer as ruas nas manhãs de domingo, e os perus continuavam a circular pela estrada em vésperas de Natal, enquanto nós, meninas, puxávamos acima o cós da saia e atabalhoávamos os passos do *twist* ao som roufenho de um velho gira-discos “mono”, e os rapazes discutiam futebol, carros desportivos e a conquista do Espaço.

E éramos nós um muito galhardo grupo de sete valentes compinchas de idades compreendidas entre os oito e os dez anos — alunos de terceira e quarta classe. Os mais velhos e mais altos, o Luís e a Mimi, destemidos aventureiros, mais corajosos do que estudiosos, gostavam de fingir-se primos, valendo-se para tal das fartas cabeleiras aloiradas de que tanto se orgulhavam e do facto de serem quase vizinhos, morando em quarteirões contíguos da mesma rua. Os inseparáveis manos Cajó e Dudu, que não sendo gémeos, tinham uma diferença de idades de menos de um ano, e insistiam em vestir-se de

igual (ou quase) e referir predilecção pelos mesmos jogos, livros e guloseimas; e eram de tal modo inseparáveis, que os pais não tiveram remédio senão conceder ao Cajó um ano à boa vida, para matriculem os filhos na primeira classe ao mesmo tempo. O Tónico, magrinho, pálido, sardento e geniquento, de óculos de lentes grossas que lhe emprestavam uma certa aura de criança bem-comportada e estudiosa e o obrigavam a levantar o nariz numa atitude falsamente presumida quando encarava um interlocutor, era o orgulhoso proprietário de uma trotineta vermelha que nos deixava utilizar à vez. A Clara da franjinha castanha, que vivia com os avós desde que os pais haviam emigrado para o Luxemburgo, era uma menina tímida da minha idade e da minha classe, minha colega de carteira, confiante discreta e muito ajuizada, verdadeira consciência falante do grupo. E eu, com o meu cabelo selvagem cortado curto, a minha saia às flores de cores berrantes e os joelhos esfolados, filha do senhor engenheiro lá da terra, sentia-me profundamente honrada por pertencer a tão fantástica legião. Naturalmente, quase todos nós tínhamos irmãos ou primos na aldeia — à excepção do Tónico, filho único, e da Clarinha, cujo irmão bebé acompanhara os pais —, mas nenhum deles chegava a merecer a nossa consideração, uns por serem demasiado novos, e por conseguinte lentos, ignorantes, pouco espertos e desprovidos de qualquer espírito de iniciativa e improvisado, os outros por se considerarem demasiado importantes e crescidos pelo facto de frequentarem o liceu, invejável estatuto que lhes permitia viajar sozinhos no comboio até à estação seguinte. No meu caso, havia a considerar dois irmãos — o Miguel e o Guilherme — e uma prima — a Carolina —, pertencentes todos eles ao irritante estrato dos “velhos”, que me tratavam por “miúda” quando se referiam à minha pessoa, ou — o que sempre me deixava em brasas — quando por qualquer motivo me chamavam diante dos adultos.

Habitualmente, era o Luís, alvo incondicional da admiração geral, quem costumava desafiar os mais assustadiços — entre os quais,

confesso, me incluía eu, apesar do meu aspecto reguilas — para inocentes excursões à saída da escola, desviando o trajecto que em poucos minutos nos conduziria aos lares respectivos, de modo a passarmos diante da Casa das Bruxas. Era nosso objectivo deitar umas boas espreitadelas pelas grades do portão: queríamos desesperadamente descobrir se havia cães ferozes no jardim selvagem — o que poderia explicar os tais uivos das noites de lua nova —, tentar vislumbrar qualquer mínimo detalhe revelador por detrás das cortinas de renda das janelas sempre fechadas do rés-do-chão, descobrir um poço encoberto pelas silvas e giestas — um poço era, no nosso imaginário, um local mágico de negras águas de estranhos poderes, e também o melhor esconderijo para um cadáver inconveniente. Acima de tudo, queríamos — ou talvez até nem quiséssemos — ver alguém sair pela porta principal e dar a volta à casa, assomar a uma das muitas janelas, desviar uma cortina para espreitar o jardim, abeirar-se de uma das janelas redondas da mansarda a pedir o nosso auxílio... Enfim, ansiávamos por um mísero detalhe que nos permitisse tirar as nossas próprias conclusões a respeito da Casa das Bruxas, construir a nossa própria narrativa e divulgá-la, impantes de glória, aos ouvidos invejosos dos “velhos” e dos adultos, que se encarregariam então de tomar as necessárias medidas.

Como bons heróis que se prezam e nos considerávamos, escolhemos para nós nomes de código sonantes, emprestados de personagens famosas reais ou fictícias, e inventámos expressões que nos permitiam discutir assuntos ultra-secretos mesmo debaixo do nariz de pais, avós e professores, que — supúnhamos nós — haveriam de julgar-nos a disputar corridas no ringue de patinagem a seguir às aulas, quando, na verdade, era esse o alibi para as nossas temerárias incursões detectivescas. Nos dias combinados, trazíamos no bolso mais fundo das calças ou do vestido, um pedacinho de espelho e um papelito rabiscado com as letras SOS em código Morse, dobrado e gasto de tanta dobra, com o qual transmitiríamos para o exterior um

luminoso pedido de socorro, caso fôssemos capturados por qualquer das criaturas malfazejas que habitassem na Casa das Bruxas; e os mais expeditos desviavam do saco das molas lá de casa um borrifador de roupa, que enchiam de água generosamente misturada com sumo de limão, destinada aos olhos dos nossos eventuais captores. Se mais não fôssemos, cabia-nos o mérito de crianças imaginativas.

No entanto, malgrado os nossos corajosos esforços, nada conseguimos desvendar antes do fim do ano lectivo, o que, bem esmuiçados os motivos, atribuímos ao facto de realizarmos as nossas incursões sempre à mesma hora de um dia de semana; se na realidade estávamos empenhados em desvendar o mistério da Casa das Bruxas, imperioso seria que a visitássemos numa noite de sábado.

Aterrados com a inevitabilidade da ideia, procurámos nos olhos uns dos outros uma boa desculpa para desistirmos da arriscada empresa, mas ninguém ousava dar parte de fraco, considerando o investimento feito ao longo do ano; ademais, como nesse tempo as crianças podiam jogar à bola e saltar à corda no meio da rua, dessa mesma rua por onde rapazes com longas canas tocavam os bandos de perus no Natal, era-nos permitido encontrarmo-nos na esplanada do café do largo nas noites quentes de Verão, sem que os nossos pais considerassem necessário vigiar-nos. Assim sendo, não nos restava senão escolher uma noite de sábado para a nossa aventura:

— Lua nova e os lobos?... Esperem lá, isso não faz sentido! O meu cão uiva à lua cheia! Se é verdade que os lobos são primos dos cães, então, certamente uivam à lua cheia!

— E se não forem lobos? Lobisomens, talvez, ou algo ainda pior...

— Lua cheia e os druidas que nos cortem às postas?... Ai, meu Deus, estou todo arrepiadinho! E se nos deitam ao poço e nunca mais ninguém sabe o que nos aconteceu?

— Já sei! Vamos levar ao pescoço os nossos terços da catequese, e um alho no bolso!

— Um alho?! Para os druidas nos temperarem?

— Dizem que os alhos afastam os vampiros e os ogres!

— Terços, alhos e borrifadores, então! Talvez também um garfo para lhes picar o rabo, se forem demónios! E em que ficamos, afinal? Lua nova e lobisomens, ou lua cheia e druidas? Vamos a votos?

Ninguém quis ir a votos, uma vez que a nenhum de nós pareceu que alguma das hipóteses fosse melhor do que a outra; ainda sugeri que avançássemos no sábado seguinte, enquanto ainda nos bafejava a coragem, mas então perderíamos uma fase lunar propícia, arriscando-nos a continuar na mais profunda ignorância do mistério. Por fim, optámos por lançar ao ar a moeda que o meu pai me havia dado para comprar meia dúzia de rebuçados no café — e o azarado pedaço de metal destinou-nos a próxima lua nova, que por um dia ou dois coincidia com o outro sábado, deixando-nos pouco mais de uma semana para nos carregarmos de galhardia e planearmos tão detalhadamente quanto possível a nossa aventura. Não fosse o diabo tecê-las, fomos em bando confessar-nos na sexta-feira e comungar no domingo, o que deliciou o senhor padre cura e as nossas avós; naturalmente, a causa da nossa súbita e fervorosa devoção haveria de permanecer um segredo muito nosso, se bem que — admito — me agradaram imenso os olhares embevecidos dos nossos vizinhos e os comentários favoráveis murmurados pelas nossas costas ao longo da semana seguinte.

Vivemos essa semana intensamente, como condenados à morte tentando disfarçar por detrás de uma jovialidade oca a saudade antecipada do mundo que vão deixar. Habitados a insistir connosco duas e três vezes para que nos levantássemos a horas de aproveitar as manhãs magníficas das férias grandes, os nossos pais ficaram muito admirados e agradados da nossa novel celeridade em saltar da cama. Primeiros na casa de banho, arrumávamos o quarto, tomávamos o pequeno-almoço sem entornar o leite nem deitar migalhas para o chão, preparávamos o saco da praia sem nada esquecer, e voltámos a lembrar-nos da beijoca de despedida, apesar de já todos termos com-

pletado os oito anos e nos envergonharmos de ser beijados pela mãe em público.

Na praia, dispúnhamos as toalhas em círculo, passávamos o creme “nívea” de mão em mão, rosto em rosto e corpo em corpo, esfregando vigorosamente as costas uns aos outros, e logo corríamos a tomar de assalto as ondas pequenas e grandes, chapinhando e gritando como samurais ao encontro de uma morte honrosa. Fazíamos o pino, furávamos as ondas, deixávamo-nos arrastar pela rebentação, competíamos em tempo de mergulho, saltávamos de cima dos ombros dos mais fortes, atirávamo-nos de costas — o que, se não apertávamos bem o nariz durante a manobra, nos deixava a espirrar água salgada por longos pedaços —, nadávamos como cães e golfinhos, e uma vez despendida toda esta energia inicial — que em grande medida nos era conferida pela ansiedade da expectativa do sábado seguinte —, um de nós ia buscar a bola de borracha para jogarmos com o mar pela cintura. Entretanto, haveríamos de tirar à sorte a qual de nós caberia a vez de ficar sentado na areia molhada, de costas para o mar, a vigiar a aproximação da senhora de avental branco, braços e pernas robustas tisonados de fazer inveja, com a sua caixa imaculada de letras vermelhas: a primeira das nossas preciosas miragens, a Maria dos Bolos! Com um longo assobio, a nossa sentinela interrompia-nos o jogo, e num rompante corríamos para os sacos escondidos sob as toalhas a fim de esgravatarmos nos porta-moedas os tostões necessários. Disciplinadamente cumprindo as instruções dos nossos pais, nenhum de nós comprava mais do que uma bola sem creme, não só por ser mais barata, mas também porque a ninguém convinha arruinar os dias de férias por causa de creme de ovos estragado pelo calor; no entanto, a ninguém causava escrúpulos beber pelo único e universal copo de bordo engordurado que nos estendia o rapaz que atravessava a praia de bilha de barro à cabeça apregoando:

— Olhá ááágua da mina fresquiinha! Ooolha que é da mina e está fresquiinha!

A “água da mina” era especial, não só porque a enorme bilha de boca tapada com um trapo velho a conservava deveras fresquinha, como o facto de vir “da mina” a todos nos maravilhava, pondo-nos a imaginar uma fonte cristalina a jorrar no interior de uma caverna iluminada por constelações de diamantes ou pepitas de ouro grandes como punhos. Tal água não poderia ser menos poderosa nem menos mágica do que a de qualquer fonte dos desejos, daquelas que abençoam os namoros e os suspiros dos infelizes, e de cujo fundo é absolutamente proibido catar as moedinhas, sob pena de um formidável castigo, do género dos sete anos de azar por quebrar um espelho. Fosse como fosse, ao longo daquela semana nenhum de nós se esqueceu de fechar os olhos e formular para si o mesmo e único desejo de sobreviver ao sábado seguinte, enquanto o fio de água geladina nos escorria pelo esófago, refrescando-nos o interior como uma bênção, e o rapaz da bilha fazia por disfarçar a impaciência, à espera de que lhe devolvêssemos o copo e pagássemos o que devíamos; soubessem os nossos pais!... Felizmente, os adultos — desgraçados!... — não dispunham de mais do que um mísero e escorreito mês de férias, o que nos deixava à solta para “fazer a praia” em bando, antes da inevitável semana no campo, de visita a algum familiar, ou a conhecer o país e os seus gloriosos e muito históricos monumentos. Felizmente também, nem a água da mina fresquinha propriamente dita, nem o facto de bebermos todos pelo mesmo copo que vinha sendo usado desde o início da longa faixa do areal (Deus lá saberá por que mãos e por que bocas), nos estragaram os belos dias de Verão com alguma diarreia incapacitante, como costumavam agoirar os pais.

De regresso às respectivas casas para o almoço, fazíamos questão de ajudar as mães nalguma tarefa para a qual não estávamos habitualmente disponíveis, como levar o cão a passear, dar um salto à mercearia para repor alguma inadiável falha da despensa, lavar o fato de banho e estender a toalha da praia, levantar a mesa... Alguns de nós levavam a inusitada amabilidade ao ponto de se oferecerem para lavar a loiça,